



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO

FACULDADE FEDERAL DE ALFENAS — UNIFAL — MG

Rua Gabriel Monteiro da Silva, 714. Alfenas/MG. CEP: 37130-000

Fone: (35) 3299-1000. Fax: 3299-1063



Discente: Camila Custódio Galbiatti

Matrícula: 2022.1.45.005

Disciplina: Leituras de Kafka

Resenha crítica — *O processo*, de Franz Kafka

Kafka parece transmitir a seus textos a inquietude pela literatura que dominava sua vida: ao iniciar a leitura de uma obra penetrante como *O Processo*, é difícil que nos interessemos por qualquer outra coisa senão literatura. O livro conduz o leitor por um labirinto absurdo e opressor no qual a realidade se dobra sobre si mesma, criando um universo onde a lógica burocrática se sobrepõe à racionalidade humana.

A narrativa acompanha Josef K., um funcionário bancário que, sem saber por quê, é subitamente processado por uma autoridade invisível e impenetrável. A partir daí, Kafka estrutura o romance em episódios fragmentários — em muitos casos, oníricos, já que as relações de causalidade são quase abolidas —, nos quais o protagonista tenta compreender e reagir ao processo, sem jamais saber de que crime é acusado. “Alguém certamente havia caluniado Josef K. pois uma manhã ele foi detido sem ter feito mal algum.” Essa indefinição proposital é um forte recurso na obra “kafkiana”: tudo é muito lógico, exceto a razão dos acontecimentos.

O narrador em terceira pessoa acompanha Josef K. de perto, mas mantém certa distância analítica, o que acentua a atmosfera de constante ambiguidade. Há uma tensão entre o familiar e o bizarro que torna o texto incômodo, mas também hipnótico. É possível supor que a própria técnica narrativa se confunda com o processo — daí a necessidade de ela não ser clara. A história é marcada por longos períodos e parágrafos (no capítulo terceiro, Kafka inicia um parágrafo que terminará somente onze páginas depois). O autor parece operar com uma lógica circular e repetitiva, na qual os personagens secundários — juízes, advogados, pintores, funcionários — representam engrenagens de um sistema inatingível, que jamais se revela completamente.

O processo judicial, que deveria representar ordem e justiça, é aqui retratado como uma entidade viva, caótica e onipresente. O tribunal é composto pelas mais diversas pessoas e seus cartórios podem ser acessados por meio de lugares improváveis — como, por exemplo, pela porta existente no quarto de Titorelli, o pintor (onde isso seria possível senão em sonhos?). Josef K., por sua vez, nunca se mostra um herói trágico, mas alguém que se conforma lentamente, num processo de esvaziamento subjetivo. A princípio, parecia ativamente interessado em resolver seu processo. Depois, em uma espécie de exaustão, o personagem já não parece lutar tanto por uma saída.

Ao desautomatizar o olhar do leitor em relação ao mundo, Kafka narra acontecimentos absurdos, mas sem motivo aparente, de maneira muito natural. Modesto Carone afirma tratar-se de uma narrativa translúcida, cujo ponto de partida permanece opaco. No final do romance, a narrativa atinge seu ponto radical: a execução de Josef K., feita de forma burocrática e quase banal, revela o triunfo absoluto do absurdo sobre qualquer noção de justiça ou redenção.

A ausência de resistência explícita do protagonista, que aceita seu destino com uma resignação inquietante, evidencia o que talvez seja a crítica mais corrosiva da obra: a interiorização da opressão como parte do próprio sujeito moderno. *O processo* não denuncia apenas a desumanização promovida por instituições autoritárias — ele revela como nós mesmos podemos nos tornar cúmplices do sistema que nos anula. Trata-se de uma leitura densa — para alguns, cansativa —, inquietante e, sobretudo, eternamente atual.